

RETICÊNCIAS E EFEITOS DE SENTIDO

Alcina Maria Barra de Oliveira (UFT)

profalcinabarra@gmail.com.br

Luiz Roberto Peel Furtado de oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir os efeitos de sentidos provocados pelo uso das reticências em recortes de três gêneros textuais: poesia, romance e crônica. Assim, para efeito de análise, buscamos um contraponto entre a linguística, especificamente na abordagem dialógica bakhtiniana, e os estudos sociolinguísticos de Monteiro (2009), além de buscarmos subsídios em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum curricular (BNCC). Reconhecemos que, apesar de haver certa tendência em valorizar mais o aspecto gramatical, faz-se necessário ponderar sobre o aspecto estilístico da pontuação. Dessa forma, nosso enfoque se atém ao uso das reticências como portadoras da subjetividade dentro do texto verbal, uma vez que a significância se filia à noção contextual.

Palavras-chave:

Contexto. Reticências. Subjetividade. Efeitos de sentido.

ABSTRACT

The present article aims to discuss the effects of meaning caused by the use of suspension dots in framework of three textual genres: poetry, novel and chronicle. Thus, for analysis purposes, we attempt na counter point between linguistics emphasizing the Bakhtin's dialogical theory and Monteiro's sociolinguistic approach, besides we seek subsidies in official documents as the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). We recognize that sometimes the standard rule is most valued, but the study of Stylistics function punctuation also it's necessary. For this purpose, the focus of our studies will be the use of suspension dots and its subjectivity in the verbal text because that significance is affiliated with the contextual notion.

Keywords:

Context. Subjectivity. Suspension dots. Effects of meaning.

1. Introdução

Em nossa prática cotidiana, verificamos que a aprendizagem dos sinais de pontuação nas escolas constitui objeto que ainda demanda análise e aprofundamento de estudos, principalmente porque a sociedade contemporânea exige um bom desempenho linguístico nas variadas áreas de trabalho e estudo. Embora haja essa preocupação, percebemos que ainda perdura uma certa resistência no trabalho com esse tema, pois antes

de o aluno aprender a pontuar, seria necessário certa competência gramatical, o que implica dizer que, se não houver trabalho de esclarecimento sobre a importância desse conteúdo para a constituição de sentidos, os educandos ficam fadados a pontuar sem nenhum parâmetro. Baseando-nos nessas observações, em uma perspectiva dialógica, focaremos nossos estudos especificamente no uso das reticências e seus efeitos de sentido, haja vista que comumente a prática pedagógica tende a evidenciar apenas os aspectos gramaticais, relegando a segundo plano os efeitos estilísticos.

Embora alguns especuladores da língua reconheçam as reticências apenas como sinal tipográfico, Haury (2015), em sua *Gramática da língua portuguesa padrão*, assegura que elas figuram entre os sinais de pontuação. A autora ainda acrescenta a seguinte contribuição:

Não se devem confundir reticências, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação. (HAURY, 2015, p. 451)

De qualquer forma, compreendemos que cabe à estilística a investigação dos aspectos subjetivos da pontuação, essencialmente do nosso objeto de estudo, pois em cada discurso há uma nova situação, uma nova intenção, determinados pelo momento, pelas circunstâncias, acrescidos por fatores lógicos e psicológicos.

Resta considerar que o objetivo de nossa pesquisa é identificar implícitos e efeitos de sentido decorrentes do uso das reticências em recortes de textos dos gêneros poesia, romance e crônica, prestigiando o que preconiza a Base Nacional comum Curricular quando apresenta a seguinte habilidade: “Identificar implícitos e efeitos de sentido decorrentes de determinados usos expressivos da linguagem, da pontuação e de outras notações [...]” (BRASIL, 2017, p. 75). Esperamos que nossos estudos possam contribuir para futuras ações pedagógicas, assim como posteriores estudos sobre o tema abordado.

2. As reticências: história e abrangência do termo

Ao longo dos tempos, os sinais de pontuação apresentaram diferentes modalizações em seus usos e funções, como por exemplo o ponto final que, durante a Idade Média, era utilizado antes de um nome a fim de enfatizá-lo. Cagliari (2009, p. 91) afirma que até o século VII as palavras não eram separadas e não se usavam sinais de pontuação; dessa forma, cabia aos leitores utilizarem oralmente a pontuação no momento da leitura.

ra. Nossos estudos indicam que tal situação perdurou até a Idade Média, quando os monges católicos começaram a separar as palavras; contudo, apenas no século IX, com o advento da imprensa tipográfica e a popularização da escrita alfabética, é que de fato a separação das palavras e o uso de alguns elementos da pontuação começaram a se materializar e somente a partir do século XVII é que foram consolidados.

A bibliografia por nós consultada revela que é no século XV que de fato se assinala o marco decisivo na história da pontuação, sendo de fundamental importância a contribuição dos humanistas para o repertório da pontuação. Em Portugal, Fernão de Oliveira (1507-1581) escreveu a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, considerada a primeira Gramática vernácula do português. Nunes (2015, p. 46) nos aponta que, embora o autor não fizesse alusão aos sinais de pontuação, percebe-se unidades pontuacionais no texto impresso, o que “suscita a hipótese de o seu uso não ser da responsabilidade do gramático quinhentista, mas, antes, do seu impressor”.

Por volta de 1734, João de Moraes Madureira Feijó, em sua obra *Ortografia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, apresenta como tema de estudo os dois pontos e o ponto e vírgula, já as reticências apenas são citadas por Gil Gomes (1831) e Castilho (1870), apesar de remontarem ao século XVII, segundo Nunes (2015, p. 56). Entretanto, ao aprofundarmos um pouco mais, encontramos as afirmações, ainda da mesma autora e obra (p. 136), enfatizando que as reticências, o travessão e as aspas já aparecem na obra *Ortografia da língua portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão, de 1606. Apenas para registro, em relação à língua inglesa encontramos dados que indicam que na acepção gramatical do termo, o primeiro registro da palavra “pontuação” se deu em 1661. De fato, na literatura pesquisada, não encontramos muitos posicionamentos de estudos sobre o tema em questão.

Sendo as reticências nosso objeto de interesse, faremos apenas algumas considerações acerca dos demais sinais gráficos. Ressaltamos que utilizamos esse aporte para nortear nosso trabalho; assim, não é nossa intenção mergulhar numa exaustiva viagem pelas regras da pontuação, mas analisarmos as reticências sob o prisma da intencionalidade do discurso.

Quanto ao nosso objeto de estudo, vamos considerar que as reticências não possuem lugar de destaque em manuais ou até mesmo nas gramáticas. Pesquisando em várias gramáticas descritivas, encontramos em Tufano (2005, p. 215) alguma atenção a esse sinal gráfico. O autor a-

firma que existem duas situações básicas para o uso das reticências; a primeira para indicar hesitação, surpresa; a segunda, para deixar as frases em aberto para interpretação do leitor. Neste aspecto, consideramos como um recurso que contempla um valor estilístico do ato enunciativo. Corroborando com Tufano, Cegalla (2009, p.38), em sua *Novíssima Gramática da língua Portuguesa*, afirma não ser possível traçar normas sobre o uso desse recurso uma vez que não existe consenso entre os estudiosos do tema. Por outro lado, notamos também certa carência de estudos sobre tal tema em linguística, o que nos fez abrir o pressuposto de que talvez seja pelo seu caráter polissêmico, uma vez que esse recurso, assim como o ponto de exclamação, pode ficar a critério do autor, abrindo possibilidades.

Em relação à etimologia da palavra “reticências”, Mattoso (2012, p. 126) nos dá sua contribuição ao definir a etimologia da palavra. Segundo o autor, a palavra reticência é oriunda do latim *tacere* (calar, omitir). Deste verbo formou-se outro precedido do prefixo “re-”, *reticere* que neste caso tem o sentido de retrair-se para dentro, ou seja, silêncio, omissão. Já o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa apresenta as seguintes denominações

[Pl. de reticência.] S. f. pl. Sinal de pontuação: série de três ou mais pontos que, num texto, indicam interrupção do pensamento (por ficar, em regra, facilmente subentendido o que não foi dito), ou omissão intencional de coisa que se devia ou podia dizer, mas apenas se sugere, ou que, em certos casos, indica insinuação, segunda intenção, emoção. [Sin.: pontos de reticência, pontos de suspensão e (fam.) pontinhos. Cf. reticencias, do v. reticenciar.] (FERREIRA, 1975, p. 1229)

Parece-nos, portanto, um conceito condizente com a etimologia da palavra objeto de análise, embora um tanto quanto engessado se levarmos em consideração as possibilidades de seu uso.

Sob outro olhar, ancorados por Bakhtin e sua abordagem dialógica, consideramos que o ato da comunicação está na troca, na ancoragem dos inter (locutores) do processo de comunicação verbal, posto que diferentes interlocutores podem atribuir valores emocionais distintos tanto do léxico quanto da pontuação utilizada na produção escrita. Essa relação de interação é que afia o enunciado, como determina (BAKHTIN, 2003, p. 275): “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva”. Assim, não é por um processo aleatório que o locutor escolhe determinada pontuação para usar em seu texto, pois ele pensa no interlocutor e na(s) possível(is) interpretação(ões) deste, mesmo porque um texto pode ser construído por

muitas vozes, e há de se levar em consideração toda a trajetória intelectual, como afirma Bakhtin.

Ratificando o que foi dito, a escassez de material de estudo sobre o objeto em análise abre precedentes para novas perspectivas, pois o emprego da pontuação agrega valores de sentido ao texto. Ainda cabe reafirmar, sem o intuito de sermos maçantes, que nosso objetivo não é o de esgotarmos regras de pontuação, mas verificarmos como o emprego das reticências contribuem para o enriquecimento da interpretação do discurso verbal, levando em consideração todo o processo dialógico, que, além de tudo, carrega toda uma ideologia embutida; além do mais, há de se levar em consideração que a leitura interpretativa está subordinada a um determinado gênero e uma conjuntura sócio histórica.

Assim, sob o viés da estilística, Monteiro (1991, p. 7) afirma que “[...] a descrição gramatical é insuficiente para interpretar os aspectos relacionados aos componentes emotivos”. Sendo as reticências um desses componentes, consideramos então que, como a questão da interpretação se filia ao contexto, uma construção agramatical seria válida, pois haveria uma motivação estilística.

3. *O caos psíquico em Ismália*

Sendo o uso das reticências um terreno fecundo e ao mesmo tempo carente de estudos, manteremos nosso foco e análise em três textos, a saber, poesia, romance e crônica, a fim de que possamos extrair alguns possíveis efeitos de sentido, levando em consideração principalmente os aspectos estilísticos. Para tanto, iniciaremos nossa análise com a composição literária *Ismália*³³⁷, do mineiro Alphonsus de Guimaraens, nome artístico de Afonso Henriques da Costa Guimarães, poeta simbolista.

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...

³³⁷ *Ismália*. In: GUIMARAENS, Alphonsus de. Poesias. 1º volume. 2ª edição aumentada e revista por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955. p. 318-319. Obra em dois volumes. 703p.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Por ser um poema simbolista, a subjetividade se sobrepõe ao materialismo científico; sendo, portanto, a linguagem carregada de metáforas e insinuações. O próprio nome “Ismália”, do grego, já carrega em si um sentido subjetivo, “desejo de amor”, embora o poema não revele se esse desejo de fato se concretizou ou não. O poema é construído em torno de antíteses as quais revelam a incoerência e o caos interior que se apodera de Ismália, evidenciando a loucura e a dualidade entre a dor do viver terreno, em um mundo desprovido de expressão, e a busca pela significação da existência. Salientamos que esta primeira análise, de alguns elementos extrínsecos e formais, faz-se necessária para que possamos adentrar no nosso objeto de interesse, as reticências.

Assim, no segundo verso da primeira estrofe, “Pôs-se na torre a sonhar...”, observamos que as reticências podem carregar a expectativa de quais sonhos estão por vir, como se deixassem o leitor numa espécie de *stand by*. Contudo, como observa Monteiro (p. 19), “Muitos elementos expressivos têm interpretação pessoal”; portanto, cabe salientar que quem preencherá as lacunas será o leitor, que atribuirá os valores conotativos recorrendo à noção do contexto ou da afetividade.

Nos dois primeiros versos da segunda estrofe já podemos perceber que o sonhar não faz parte do campo da racionalidade, Ismália já não tem noção da lógica e da realidade e a sua exteriorização psíquica se dá no verso “banhou-se toda em luar...”. Observamos que as reticências deixam o leitor em suspense para o que está por vir, para quais caminhos esse sonhar a levarão. Nos dois versos seguintes, o terreno desconhecido do subconsciente e da irracionalidade se tornam latentes, o impasse prevalece nas antíteses subir e descer; mas qual seria o desfecho? A lua mística e

inalcançável ou o mar salvador? É oportuno dizer que as reticências, no caso, estabelecem uma espécie de acordo intersubjetivo entre o eu lírico e o leitor, ratificando a posição de Bakhtin ao defender a multiplicidade de vozes no discurso.

Na terceira estrofe, temos um elemento simbólico, a torre onde a loucura de Ismália se torna um elemento concreto. Por estar “perto do céu”, imagina-se anjo e o canto acentua ainda mais o dualismo entre o real e o imaginário. Para o leitor, as reticências dos segundo e quarto versos da estrofe reforçam a representação imagística, sugerindo a espera da progressão para o fatídico desfecho.

Finalmente, na quarta estrofe, Ismália abandona o resquício de razão para lançar-se ao que seria sua libertação. A imagem simbólica de anjo abrindo as asas alforria Ismália dos conflitos existenciais. Como se vê, novamente as reticências aparecem com valor subjetivo, a apreensão de uma realidade particular ao mesmo tempo em que reforçam o desejo da transcendência ao buscar a lua do céu e o reflexo da lua no mar.

Na última estrofe, o arrebatamento por meio do suicídio, metaforizado pelo voo do anjo, representa o fim e o recomeço. Fim do caos psíquico, da angústia e sofrimento e o recomeço por meio da transcendência, da salvação da alma, já que a matéria não encontrou nenhum lenitivo para a dor. Novamente a escolha estilística pelas reticências, usadas como suporte linguístico, sugerem um prolongamento de ideias que serão preenchidas pelo próprio leitor. Levando-se em consideração a contradição dos ideais religiosos e o suicídio de Ismália, será que esta alcançou a sublimação, a sua incorporação ao cosmos? Como dissemos, está a cargo do leitor tal interpretação, pois apoiamos os preceitos de Bakhtin ao defender que em todo discurso há um entrecruzamento de vozes.

4. O “diálogo” dos amantes em “Memórias póstumas de Brás Cubas”

Na sequência, analisaremos um capítulo emblemático da obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, autor conhecido por seu dialogismo com o leitor. O capítulo LV, cujo título se denomina “O velho diálogo de Adão e Eva”, motiva por décadas tema de pesquisas e suscita variadas interpretações. Sem adentrarmos nos aspectos da inovação machadiana, sua genialidade e pormenores da narrativa, vamos nos ater apenas ao essencial das personagens para a compreensão do uso da pontuação neste capítulo. Virgília foi o grande amor de Brás.

Personagem redonda, é retratada como vaidosa, determinada, persuasiva, manipuladora e muito racional. Opta por um conveniente casamento com Lobo Neves, enquanto vive um romance clandestino com o amante Brás Cubas. O diálogo do capítulo LV, objeto de nossa análise, está reproduzido abaixo:

CAPÍTULO LV
O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas.....?
Virgília.....
Brás Cubas.....
.....
Virgília.....!
Brás Cubas.....
Virgília.....
.....?
.....
Brás Cubas.....
Virgília.....
Brás Cubas.....
.....!
.....!
Virgília.....?
Brás Cubas.....!
Virgília.....!

No diálogo entre Brás Cubas e Virgília o signo verbal é substituído por sinais de pontuação, dentre eles as reticências, valorizando o espaço gráfico. Convém salientar que mais tarde, esse mesmo recurso seria explorado pelos concretistas. Não temos aqui a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação desse artifício dada a multiplicidade de meios de expressão existentes no sistema linguístico, mas nos propomos a levantar algumas hipóteses em relação à escolha do autor.

A priori, levemos em consideração que a sociedade patriarcal da época impunha à mulher um papel de submissão. Dado o exposto, apesar de Virgília “amar” Brás Cubas, esta era ambiciosa e aquele não era um aristocrata; logo, o romance ilícito se aponta como solução. Assim sendo, uma possível explicação para o diálogo ser composto por reticências e outros sinais de pontuação poderia ser o fato de o narrador querer “poupar” o leitor de palavras proferidas durante o encontro entre os dois amantes, ou seja, a pontuação sutilmente sugere as palavras durante o encontro íntimo entre os apaixonados a fim de não vulgarizar o ato. Outra possibilidade para a escolha seria o de reforçar a relação entre os apaixonados, pois sendo Adão e Eva os primeiros amantes, o ato sexual se per-

petua, relegando o diálogo a um plano secundário. Apesar de levantadas por nós tais hipóteses, estas não se encerram aqui, pois como afirma Monteiro (p. 142), “Se pensarmos que o contexto é o verdadeiro definidor das conotações, aí é que teremos plena consciência das inúmeras possibilidades de alteração semântica”. Portanto, compreendemos que as reticências revestem o diálogo de tons evocativos, não regidos pelas leis da lógica, mas pelas interferências subjetivas de cada leitor, pela interlocução, da interação do leitor com a obra, sendo ele, portanto, o coautor do texto. Para encerrar, resta-nos dizer que as hipóteses sobre o referido capítulo continuam abertas a novas inferências, pois sabemos que o discurso literário possibilita uma rede ampla de conotações, deixando o discurso de ser unívoco para ganhar dimensões plurais.

5. *O implacável tempo*

O próximo texto, uma crônica, faz parte das *Novas comédias da vida privada*, de Luis Fernando Veríssimo. Antes de procedermos à análise, abordaremos alguns conceitos fundamentais desse gênero. O primeiro é referente à etimologia da palavra; assim define Massaud Moisés:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. (MOISÉS, 2003, p. 101)

Outro ponto a se considerar é em relação à função da crônica, cuja finalidade, a princípio, era a de fazer registros históricos, mas com o passar do tempo e a difusão da imprensa, os autores do gênero a adaptaram e este passou a servir aos interesses jornalísticos. Contemporaneamente, o gênero ganhou espaço em outros veículos e, devido aos seus temas de caráter cotidiano e linguagem simples, alcançou a alcunha de texto literário. Dessa forma, levando-se em consideração tais informações, passaremos à leitura e análise do uso das reticências no texto de Veríssimo (1996, p. 70-1), que se segue:

Inimigos

O apelido de Maria Tereza, para Norberto, era ‘Quequinha’. Depois do casamento, sempre que queria contar para os outros uma de sua mulher, o Norberto pegava na sua mão, carinhosamente, e começava:

– Pois a Quequinha...

E a Quequinha, dengosa, protestava:

– Ora, Beto!

Com o passar do tempo o Norberto deixou de chamar a Maria Tereza de Quequinha. Se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, di-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

zia:

– A mulher aqui...

Ou, às vezes:

– Esta mulherzinha...

Mas nunca mais Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo.

O tempo ataca o silêncio. O tempo usa armas químicas.)

Com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por Ela.

– Ela odeia o Charles Brason.

– Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chamasse de Ela, ainda usava um vago gesto de mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer ‘essa aí’ e a apontava com o queixo.

– Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. Tempo captura o amor e não o mata na hora. Vai tirando uma asa, depois cura)

Hoje, quando quer contar alguma coisa da mulher, O Norberto nem olha na direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

– Aquilo... (VERÍSSIMO, 1996, p. 70-1))

A crônica “Inimigos” relata como o tempo pode desgastar as relações amorosas. Podemos inferir que, no início do casamento, os períodos curtos dos diálogos das personagens e o uso do diminutivo revelam afetividade. Entretanto, no decorrer dos anos, Maria Tereza é recategorizada, perde sua identidade e, para confirmar o descaso e a perda de suas características, o diminutivo perde sua positividade, assumindo um tom pejorativo: “mulherzinha”. Aceita essa dicotomia, compreendemos que será coerente inferir que as reticências indicam que não existe a necessidade de complementação do discurso, pois este fica a cargo da livre associação do leitor. Não que queiramos tachar de fantasistas ou acientíficas as deduções levantadas; entretanto, é evidente que o contexto delimitará as conotações que, porventura, as reticências possam sugerir, ou seja, o que antes do desgaste da relação revelava cumplicidade, no final já denota animosidade. Para ratificar tal afirmação, acrescentamos a afirmação de Monteiro (1991, p.52): “E a pontuação constitui um dos aspectos que mais ressaltam os fatores subjetivos.” Notadamente, o uso das reticências no texto de Veríssimo suprime o diálogo em aberto, além de conferir maior expressividade ao conjunto.

6. Considerações finais

A discussão sobre o uso dos sinais de pontuação suscita muitas interpretações, uma delas é a de que devemos “dominar” as regras da nor-

ma padrão para escrevermos bem; no entanto, sob outro ponto de vista, evidenciamos que, no processo de criação, se o autor se prende à rigidez das normas, corre-se o risco de se perder a expressividade. Nesse viés, ao optarmos por desenvolver este estudo sobre o uso das reticências, verificamos que seus usos são múltiplos, especificamente no que tange às conotações e inferências no texto.

Evidentemente, conhecer as normas da língua portuguesa é de fundamental importância a todos os brasileiros, mesmo porque elas serão necessárias a uma infinidade de situações formais a que estamos sujeitos cotidianamente. Entretanto, é inegável que a pontuação também é resultante da originalidade do autor. Portanto, ao considerarmos as reticências e seus efeitos de sentido, verificamos que não existe um “único” sentido, uma vez que há uma relação de interação e a enunciação; assim, há de se considerar sempre a noção de contexto. Tais considerações nos levam a afirmar que as reticências indicam o subtendido, o além-texto, ficando a critério do leitor preencher as lacunas do não dito verbalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 85
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final*. Brasília, DF, 2017.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 1975.
- GUIMARAENS, A. *Melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. 4. ed. São Paulo: Global, 2001.
- HAUY, Amini Boainain. *Gramática da língua portuguesa padrão*. São Paulo: 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MATTOSO, José. *O que é a taciturnidade*. *Sigila, on-line*, França, V. 29, n. 1, 2012, p. 125-133. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-sigila-2012-1-page-125.htm>>. Acesso em 11 out 2019. ISSN 1286-1715.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. *A Estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NUNES, Cristina Maria de Sousa. *Contributo para o estudo da pontuação: análise de um corpus jornalístico português e brasileiro*. 2015. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Évora, 2015.

ROCHA, IútaLerche Vieira. O Sistema de Pontuação na Escrita ocidental: uma retrospectiva. In: *DELTA: Documentação em Estudos em Linguística Teórica e aplicada*. São Paulo, V. 13, p. 83-118, 1997.

TUFANO, D. *Gramática e literatura brasileira*. São Paulo: Paulus, 2005.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Novas comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 70-1